

EXCLUSÃO DIGITAL SÉNIOR: HISTÓRIAS DE VIDA, GERAÇÕES E CULTURA GERACIONAL

Catarina Rebelo³⁸

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Universidade da Beira Interior

catarina.c.rebelo@gmail.com

Resumo:

A exclusão digital da população sénior é uma das principais configurações da exclusão digital dentro das sociedades. Numa sociedade cada vez mais envelhecida e cada vez mais mediada por tecnologia esta realidade coloca sérios desafios quer para os indivíduos excluídos quer para as sociedades que estes integram. Torna-se importante compreender melhor este fenómeno cujo estudo coloca, no entanto, importantes desafios. Um dos principais desafios do estudo da relação dos mais velhos com a Internet é o facto de a população sénior ser um grupo fortemente heterogéneo. Este artigo dedica-se, por um lado, a refletir sobre a problemática da exclusão digital sénior e, por outro lado, sobre os desafios intrínsecos ao seu estudo e a forma como os conceitos de geração e cultura geracional, juntamente com a abordagem metodológica das histórias de vida, podem contribuir para melhor responder a este desafio.

Palavras-chave: Internet; Seniores; Histórias de Vida; Gerações; Cultura Geracional

Abstract:

The digital divide based on age is one of the main forms of digital exclusion within societies. In an increasingly aging society which is also increasingly mediated by technology it poses serious challenges both for excluded individuals and for the societies they integrate. It is important to better understand this phenomenon whose study, however, presents important challenges. One of the main challenges of studying the relationship of the older adults with the Internet is that the elderly are a highly heterogeneous group. This article is devoted to, for one hand, reflect on the issue of senior digital divide and, on the other hand, on the specific challenges of its study and how the concepts of generation and generational culture, along with the methodological approach of life stories, can contribute to better address this challenge.

Keywords: Internet; Elderly; Life Stories; Generations; Generational Culture

³⁸ Doutoranda em Estudos da Comunicação: Tecnologia, Cultura e Sociedade, doutoramento que envolve a Universidade da Beira Interior, o ISCTE-IUL, a Universidade Lusófona e a Universidade do Minho. Investiga sobre Tecnologias da Informação e Comunicação e a população sénior.

Introdução

O envelhecimento populacional e as sociedades altamente mediadas por tecnologia são duas realidades atuais, dois desafios e duas megatendências para o futuro das sociedades.

A velhice é um período da vida cada vez mais longo e a população sénior é uma cada vez maior percentagem da sociedade. De acordo com dados dos censos de 2011 (INE, 2012), enquanto que a população idosa cresceu de 16% em 2001 para 19% em 2011, a população jovem registou o movimento inverso: recuou de 16% em 2001 para 15% em 2011. Em 2011, por cada 100 jovens havia 128 idosos.

Esta cada vez maior fatia da sociedade apresenta fortes taxas de exclusão digital. Apesar de nos últimos anos, em Portugal, cada vez mais seniores estejam gradualmente a adotar a Internet, há ainda uma evidente exclusão digital baseada na idade ao nível do acesso. Apenas 11,8% da população portuguesa com 65 anos ou mais é utilizador da Internet. Na faixa etária entre os 55 e os 64 anos apenas 31% da população utiliza a Internet; enquanto entre os 15 e os 24 anos a percentagem de utilizadores é de 94,1% (Obercom, 2014).

Neste artigo pretendemos refletir sobre o afastamento dos mais velhos da Internet e os desafios que o estudo da temática coloca, destacando os conceitos de geração, cultura geracional e a abordagem metodológica das histórias de vida como três perspetivas que poderão ser tidas em conta para melhor responder a estes desafios.

Numa primeira parte, debruçamo-nos sobre as implicações de ser excluído digitalmente numa sociedade organizada em torno da tecnologia, refletido sobre o conceito de exclusão digital e de literacias digitais. Num segundo momento, refletimos sobre as implicações da exclusão digital para a população sénior, abordando os conceitos de envelhecimento ativo e o preconceito em relação à velhice ou *“ageism”*.

Num terceiro momento, refletimos sobre a problemática de se estudar um grupo tão heterogéneo como a população sénior e propomos os conceitos de gerações, identidade geracional, e as trajetórias de vida como abordagem metodológica, como uma forma de ajudar a responder a este desafio.

Este artigo enquadra-se na fase inicial de uma investigação de projeto de Doutoramento, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, sobre as trajetórias de adoção do digital feitas ao longo dos últimos anos pela população sénior em Portugal.

Exclusão digital num mundo mediado por tecnologia

Estar excluído do acesso a tecnologias como a Internet, dada a centralidade das Tecnologias da Informação e da Comunicação em todos os aspetos da vida, é uma importante desvantagem (Caslells 2001; Van Dijk, 1999). Se a sociedade está organizada em torno da tecnologia, então, o poder tecnológico é a principal forma de poder na sociedade (Feenberg, 2010: 82). A Internet tem hoje, por isso, um papel estruturante na vida das pessoas, quer utilizem ou não a tecnologia. As consequências de não fazer parte da sociedade em rede afetam não só a inclusão económica como todos os outros aspetos da vida, desde a educação, assuntos comunitários, produção cultural, entretenimento, interações pessoais e a participação política (Warschauer, 2004).

A exclusão digital (*digital divide* ou *e-exclusion*) tem duas grandes dimensões, uma dimensão macro, que se refere às desigualdades a nível das tecnologias digitais entre países e que acompanha o debate acerca das suas assimetrias no crescimento e desenvolvimento, e uma dimensão micro que se debruça sobre as assimetrias da inclusão digital dos indivíduos nas suas sociedades e sobre a qual recai a maior parte do debate científico acerca da infoexclusão (Roberto, Fidalgo & Buckingham, 2015).

As contribuições para a discussão do conceito de *digital divide* têm vindo a ser alvo de evolução, sendo possível dividir o debate em torno da exclusão digital em dois principais momentos ou gerações. Inicialmente, os contributos para este debate analisavam a exclusão digital como uma divisão entre aqueles que tinham acesso e os que não tinham acesso a computadores e à Internet e, nesse sentido, seria um problema que iria naturalmente esvanecer-se à medida que a adoção do computador se popularizasse na sociedade, tal como aconteceu com outras tecnologias, como o rádio, o telefone ou o automóvel (Compaine, 2001, 1988 in Min, 2010). A segunda geração de contributos sobre

o *digital divide*, mostrou que a exclusão não se resolveria apenas com o acesso (Witte & Mannon, 2010; Van Dijk, & Hacker, 2003; DiMaggio & Hargittai, 2001). Não só porque existem vários níveis de acesso a computadores e à Internet (Norris, 2001) mas, sobretudo, pelas diferenças na capacidade de tirar partido desse acesso, remetendo o debate sobre a exclusão digital para o campo das desigualdades ao nível das competências e dos usos (DiMaggio & Hargittai, 2001).

O acesso às tecnologias da informação e comunicação, por si, não promovem a inclusão das pessoas que não possuem as “competências técnicas, não reconhecem os códigos de status nem as estruturas de conteúdo”, que são cada vez mais características institucionais das sociedades digitais (Witte & Mannon, 2010: 144). O que remete o debate da exclusão digital para a problemática das literacias em geral, e da literacia digital em particular, uma vez que a possibilidade de retirar vantagens do acesso aos média digitais depende em grande medida do nível da literacia digital dos cidadãos (Shelley et al., 2004).

Ao longo da história, a tecnologia teve frequentemente um papel preponderante na definição de quais as competências consideradas importantes (Deursen, 2012). A literacia para os média digitais convoca diferentes competências daquelas que eram convocadas pelos média tradicionais. A literacia digital já não está centrada apenas no utilizador, ela depende também do meio que se utiliza, da tecnologia (Livingstone, 2003). A capacidade de aceder, analisar, avaliar e criar mensagens através de uma variedade de contextos é a definição de literacia para os média utilizada por Sónia Livingstone (2004).

O conceito de “fluência digital”, introduzido pelo National Research Council Report de 1999, vai mais além e sublinha a importância da capacidade de adaptação e de autoaprendizagem ao longo da vida quando se fala de literacia dos novos média (Shelley et al., 2004). Ser literato significa “dominar o processo pelo qual a informação culturalmente significativa é codificada” (De Castell & Luke, 1988 in van Deursen, 2010). A capacidade de utilização instrumental da tecnologia deixa de estar no centro da definição do conceito de literacias digitais que reflete cada vez mais questões relacionadas com a capacidade de compreender e dominar a linguagem codificada e a cultura subjacente às Tecnologias da Informação e da Comunicação (Roberto *et al.*, 2015).

Envelhecimento e exclusão digital

A exclusão digital que atinge a população sénior é um problema para os indivíduos excluídos, mas também para a sociedade que os integra, na medida em que uma importante proporção da população está afastada da capacidade de participar plenamente na família, comunidade e na vida social e política.

A participação é um dos principais focos do paradigma do envelhecimento ativo, que foi adotado pela Organização Mundial de Saúde nos finais da década de 1990 e saiu reforçado em 2002, da 2ª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento. O envelhecimento ativo visa responder ao desafio do envelhecimento populacional e centra-se especialmente no binómio da participação económica e social, procurando promover a “integração social e laboral dos idosos” (Mauritti, 2004). É atualmente entendido como um “processo de cidadania plena, em que se otimizam oportunidades de participação, segurança e uma maior qualidade de vida à medida que as pessoas vão envelhecendo”. (Governo de Portugal, 2012: 3).

No entanto, diferentes discursos sobre a velhice, por vezes contraditórios, coexistem na sociedade. Para Dias (2012: 55), os “discursos negativos da velhice, que sublinhavam principalmente a iliteracia científica e tecnológica dos idosos nas sociedades contemporâneas, a par das situações de pobreza, isolamento social, doença e dependência em que muitos se encontram” foram alimentados pela teoria da modernização, pelo menos, até aos anos 80 do século passado. Estes discursos ainda ecoam na sociedade. Mauritti (2004) aponta este discurso negativo como um dos dois discursos dominantes na sociedade sobre a velhice. A par dele circula um discurso positivo, onde os idosos são projetados como segmentos específicos de consumos, associando a velhice a um tempo de lazer, de liberdade e de autoaperfeiçoamento.

O termo *ageism*, utilizado pela primeira vez por Robert Butler em 1969, denomina as atitudes, práticas ou políticas discriminatórias e estereotipadas sobre as pessoas mais velhas e que podem assumir uma forma implícita ou explícita. (Silva, 2009). As consequências do *ageism* são o “tratamento injusto e padronizado das pessoas mais velhas”

e, em última análise, com “impacto nas intervenções políticas e sociais e na crença da sua incapacidade de se desenvolverem.” (Lima, 2010: 23).

As atitudes negativas em relação aos mais velhos não só continuam a ter preponderância, como, para Lima (2010), nunca foram tão centrais como nas sociedades contemporâneas.

Os problemas do *ageism* manifestam-se não só na forma como as outras faixas etárias se relacionam com esta fase da vida, mas também na forma como as pessoas mais velhas se confrontam e internalizam estas atitudes negativas em relação ao envelhecimento. “Elas minam a confiança dos mais velhos em lidar com o mundo físico e social, tendo-se em menor conta como agentes, e afetando, assim, a sua imagem e auto-imagem e o acesso à participação.” (Lima, 2010: 23). Para além da possibilidade de participação plena, vários autores salientam as vantagens que a utilização da Internet pelas pessoas mais velhas poderia ter na melhoria das suas condições de vida. Desde benefícios socioeconómicos (Neves, Amaro, & Fonseca, 2013), acesso a atividades culturais e recreativas e o fomento das solidariedades intergeracionais (Dias, 2012), menor vulnerabilidade a situações de isolamento e solidão (Leikas *et al.*, 2012; Erickson, 2011) ao acesso a informação sobre saúde (Espanha, 2009).

No entanto, a falta de interesse e motivação, a perceção de irrelevância da tecnologia para as suas vidas, assim como a perceção de serem demasiado velhos para compreenderem a tecnologia (Lüders & Brandtzæg, 2014), são as principais razões apontadas pelos mais velhos para o afastamento da Internet, nos estudos existentes.

A motivação ou interesse é, juntamente com a questão das literacias, de grande relevância neste debate. Vários estudos mostram uma baixa predisposição e interesse entre os mais velhos para o uso da Internet (Dias, 2012; Morris *et al.*, 2007; Selwyn *et al.*, 2003). Lugano & Peltonen (2012) argumentam que a motivação é mesmo o principal fator de diferenciação entre “nativos” e “emigrantes digitais”.

Lüders & Brandtzæg (2014) defendem, num estudo sobre a perceção dos mais velhos sobre redes sociais *online*, que a não utilização dos mais velhos não é apenas uma consequência da falta de literacias digitais e preocupações com a segurança e a privacidade

da tecnologia. “Non-use of SNSs among elderly might therefore reflect a generational culture gap, where the rapid and broadcasting communicative forms facilitated by SNSs are experienced as estranging and asocial.” (Lüders & Brandtzæg, 2014: 15). Outros autores defendem que, em sociedades em que a disseminação da Internet atingiu um ponto de saturação, as questões de escolha e de estilo de vida serão predominantes à própria questão de exclusão social (Mancenelli, 2007, in Eynon & Helsper, 2010). Mas a escolha não é um conceito simples e deve ser visto com atenção à luz da problemática da exclusão digital. Eynon e Helsper (2010) fazem uma importante reflexão sobre o conceito defendendo que a escolha está embebida de forma muito clara num contexto que molda essas escolhas. Enunciam estudos de género que mostram como as escolhas são muitas vezes determinadas por pressões sociais para adotar um determinado comportamento.

Furthermore, studies with the elderly show that they often do not consider the internet a technology that is appropriate or relevant for people of their age group (Dutton et al., 2009; Selwyn, 2006). Lucey et al. (2003) have pointed to similar processes related to gender and class. (Eynon & Helsper, 2010)

Assim, os mais velhos enfrentam vários discursos sobre a velhice na sociedade, incluindo o preconceito sobre esta fase da vida e que eles próprios podem incorporar, podendo alimentar a ideia de que a tecnologia, a Internet, não é para eles.

Percursos de vida, gerações e cultura geracional

Sendo a exclusão digital sénior um problema sério das sociedades atuais, a relação que os mais velhos estabelecem com a Internet é um fenómeno que precisa ser estudado mais aprofundadamente. No entanto, o estudo deste fenómeno baseado num grupo etário traz intrínsecas dificuldades e desafios. Provavelmente a maior dificuldade é o facto de a população sénior não ser um grupo homogéneo. Se é verdade que nenhum grupo etário o é, as pessoas mais velhas têm todo um percurso de vida que as diferencia (Loos, 2012). Esta problemática requer quer abordagens teóricas quer metodológicas que permitam abarcar a complexidade e heterogeneidade dos sujeitos em estudo.

O conceito de geração, apesar de ser entendido como problemático pelo perigo de simplificar e estereotipar um fenómeno multidimensional (Kortti, 2011), reemergiu nos debates internacionais e académicos há vários anos e parece estar hoje amplamente instalado. As gerações têm sido utilizadas como categoria analítica para compreender mudanças sociais, diferentes padrões de uso e diferentes posições perante a exclusão digital, como mostra todo o debate sobre “nativos” e “emigrantes digitais” (Prensky, 2001). As razões para este regresso às gerações como categoria de análise podem, de acordo com Aroldi (2011) dever-se, por um lado, à crise que a modernidade tardia provocou nos tradicionais conceitos de classe social e nacionalidade, que organizavam identidades coletivas e pertença social, colocou o desafio aos investigadores sociais de encontrarem novas formas de classificação para pensar os fenómenos sociais. Por outro lado, à velocidade a que se deram os desenvolvimentos das tecnologias digitais que acelerou a mudança social e alterou substancialmente as formas de transmissão cultural e de socialização. Esse fenómeno tornou mais visível as diferenças e divisões não só entre grupos sociais como entre grupos etários.

A principal evolução nos estudos sobre gerações, identificada por Rossi (2009), é a deslocação do conceito de uma abordagem operada sociologicamente para uma abordagem que implica uma reflexividade não apenas individual, mas coletiva. Isto é, uma geração precisa que os seus membros reconheçam uma experiência de vida comum que marca uma certa forma de ler o mundo, mas também precisa de ser identificada como tal pelo discurso social.

A identidade ou cultura geracional pode influenciar a relação que um indivíduo estabelece com os média. Aliás, uma das dificuldades científicas básicas na tentativa de compreender o que significa ser idoso é, como observa Hagberg (2012), ser capaz de distinguir entre as consequências da própria idade e da pertença a uma determinada geração. Esta identidade geracional pode ser uma variável condicionante da identidade e pode funcionar quase como uma subcultura na forma de consumo dos média (Arnoldi e Colombo, 2007).

To this generational identity belong values, ideals, configurations of taste and sensibility, constellations of preferences that we could probably call, with Bourdieu (1979), habitus, that is a system of durable dispositions to act and choose, not strictly prescribed by formal rules, for example in the field of civic participation, of material or cultural consumption, of leisure. (Arnoldi, 2011: 55)

Segundo Arnoldi (2011), os média atuam quer como definidores das experiências formativas de uma geração, através de materiais que compõem a semântica geracional, como notícias, fatos, imagens, personagens, rituais, ícones, músicas e marcas, etc.; quer a um segundo nível, em que são o espaço onde as gerações podem desenvolver as suas práticas discursivas, a sua reflexividade; um terceiro nível em que os média atuam como elemento de interação e reação a novos conteúdos e tecnologias, e um quarto nível em que a própria “dieta mediática” é influenciada pela pertença a uma geração.

De acordo com Edmunds e Turner (2002), uma geração implica que uma determinada coorte de idade ganhe uma significância social por se constituir como uma identidade cultural. Uma geração existe, portanto, quando há uma cultura partilhada através de um sentimento de pertença. Claro que os factos experienciados dentro de uma geração são trabalhados de formas diferenciadas por grupos distintos que leva à diversidade dentro das gerações (Edmunds e Turner, 2002).

Na conceção de Edmunds e Turner (2002) as gerações são uma resposta coletiva a um evento traumático que une uma determinada coorte de indivíduos numa faixa etária que tem consciência de si. Podem também ter um contexto espacial, embora Edmunds e Turner (2005) proponha que os média de massas criem aquilo que chama de uma “geração global” pelo facto de possibilitarem uma paisagem comum através da qual indivíduos em vários locais do mundo experimentem os mesmos problemas e acontecimentos históricos.

Como é que as gerações se vão transformando mantendo uma identidade partilhada à medida que vão decorrendo as várias fases da vida, ao longo do processo de envelhecimento? Vincent (2005) argumenta que o fenómeno de mudança cultural de uma geração ao longo do seu envelhecimento precisa de ser compreendido. Apesar de ser relativamente consensual a ideia de Mannheim (1997) de que as gerações geralmente se

formam na fase da adolescência, especialmente na transição para a idade adulta, Edmunds e Turner (2002) argumentam que as gerações mudam com o envelhecimento dos indivíduos que as compõem. Corsten (1999) realça que as gerações partilham também outras fases da vida, além da adolescência, como a idade adulta e a velhice e que envelhecimento coletivo de uma geração é também uma aprendizagem coletiva. Ao longo da vida, os membros de uma geração vão experimentando, reavaliando e recriando o “significado do ‘seu tempo’” (Vincent, 2005).

O envelhecimento é um processo complexo porque implica inter-relações entre processos biológicos, psicológicos, sociais e culturais. “It is also a very personal experience.” (Morgen & Kunkel, 2015: 81). Tendo em conta os longos e únicos percursos das pessoas mais velhas, as histórias de vida parecem ser, em termos metodológicos, uma abordagem interessante para responder aos desafios de estudar as pessoas mais velhas. Por um lado, porque permite estudar a “face activa e instável das estruturas sociais, pela origem dos processos de mudança e de mobilidade – processos que em última instância, estão nas mãos dos indivíduos” (Conde, 1991: 167). Por outro, por se focar na poderosa interação entre as trajetórias individuais e o contexto histórico e socioeconómico em que estas se desenrolam, parece ser a abordagem mais adequada para compreender as relações que indivíduo e sociedade estabelecem entre si (Roberts, 2002: 88).

É que a abordagem biográfica permite certas clarificações, desprezadas pelos outros instrumentos, que têm os seus limites e as suas impossibilidades. O fenómeno das gerações, por exemplo, é negligenciado pela análise quantitativa; o impacte do acontecimento histórico sobre o indivíduo é-o igualmente. (Poirier *et al.*, 1995: 153)

Por fim, as histórias de vida, uma vez que implicam entrevistas muito aprofundadas e pouco dirigidas, podem permitir dar voz às pessoas mais velhas de uma forma não diretiva e eventualmente permitir descobrir novas perceções sobre as tecnologias que não são consideradas nos estudos existentes e que só poderão ser identificadas pelos indivíduos que estão a passar por esta específica fase da vida.

Considerações finais

A difusão das tecnologias digitais na sociedade provocou grandes mudanças sociais que temos de compreender de forma a podermos lidar coletivamente com as suas consequências. Hoje, estar excluído digitalmente representa uma situação de grande desigualdade e desvantagem social para os indivíduos. A esmagadora maioria da população sénior em Portugal encontra-se excluída digitalmente ao nível do acesso. Na sociedade envelhecida em que vivemos, este problema ganha especial relevância e coloca também problemas a nível coletivo, uma vez que uma importante proporção da população não tem acesso pleno à participação.

A participação social e política dos mais velhos, além da participação nas suas famílias e comunidades, é fundamental. Apesar do paradigma do envelhecimento ativo pressupor, como já referimos, um “processo de cidadania plena, em que se otimizam oportunidades de participação” (Governo de Portugal, 2012: 3), circulam nas sociedades discursos negativos em relação à velhice e preconceitos relativamente às pessoas mais velhas, *ageism*.

Estes discursos, ideias e atitudes negativas sobre a velhice podem estar na origem da ideia de que a tecnologia não é para os mais velhos ou que é demasiado complicada para estes. Estas são aliás algumas das principais razões apontadas pelos mais velhos para a não utilização das tecnologias digitais (Lüders & Brandtzæg, 2014). A falta de interesse e motivação é outra das razões mais apontadas (Dias, 2012; Lugano & Peltonen, 2012; Morris *et al.*, 2007; Selwyn *et al.*, 2003).

É importante ter em conta o conceito de exclusão digital e a sua evolução de forma a direcionar os estudos sobre o mesmo não apenas na dimensão do acesso à tecnologia, mas também na capacidade de tirar partido da mesma, que depende das competências e literacias digitais. Apesar de em Portugal a exclusão digital das pessoas mais velhas se focar ainda sobretudo ao nível do acesso, gradualmente cada vez mais seniores vão adotando a Internet. Torna-se por isso necessário não só compreender o que afasta e aproxima os mais velhos de aceder à tecnologia, mas também que tipo de usos os seniores utilizadores fazem da Internet, que vantagens conseguem tirar desses usos.

O grande perigo de se estudar a relação das pessoas mais velhas com a Internet talvez seja o de analisar este grupo etário como se tratasse de grupo homogéneo. Os longos e diferentes percursos de vida fazem com que os mais velhos sejam um grupo ainda mais heterogéneo do que qualquer outro grupo etário.

Propomos e discutimos os conceitos de geração e cultura geracional como importantes para esta análise, uma vez que permitem analisar aquilo que poderá ser comum a este grupo de pessoas por efeitos de geração. Isto porque uma geração é uma coorte de idade que ganha significância social por se constituir a si mesma como uma identidade cultural (Edmunds & Turner, 2002).

A abordagem das histórias de vida parece-nos útil neste desafio, uma vez que permite compreender de que forma os distintos percursos de vida dos indivíduos interferem na relação que os mais velhos estabelecem com a tecnologia, além das variáveis sociodemográficas comuns; sendo uma forma privilegiada de compreender como os contextos e constrangimentos históricos e sociais se interrelacionam com o indivíduo.

Referências Bibliográficas

Arnoldi, P. & Colombo F. (2007) Generational belonging and mediascape in Europe. In: JSSE, 1, pp. 34-44.

Aroldi, P. (2011) Generational belonging between media audiences and ICT users. In: F. Colombo & L. Fortunati (Eds.), *Broadband Society and Generational Change* (pp. 51-67). Frankfurt M.: Lang.

Castells, M. (2001) *A galáxia Internet. Reflexões sobre Internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Conde, I. (1991) Biografia e património. In: *Sociologia - Problemas e Práticas*, 9

Corsten, M. (1999) The time of generations. In: *Time & Society*, 8(2-3), 249-272.

Dias, I. (2012) O uso das tecnologias digitais entre os seniores. Motivações e interesses. In: *Sociologia, Problemas e Práticas*, 68, 51-77.

DiMaggio, P. & Hargittai, E. (2001) From the 'digital divide' to 'digital inequality': Studying Internet use as penetration increases. In: Princeton University Center for Arts and Cultural Policy Studies, Working Paper Series, number 15.

Edmunds, J. & Turner, B. S. (2002) *Generations, culture and society*. Buckingham: Open University.

Edmunds, J. & Turner, B. S. (2005) *Generations: social change in the twentieth century*. In: *The British journal of sociology*, 56(4), 559-577.

Erickson, L. B. (2011) *Social media, social capital, and seniors: The impact of Facebook on bonding and bridging social capital of individuals over 65*. In: *AMCIS Proceedings – All Submissions*. Paper 85.

Eynon, R. & Helsper, E. (2010) *Adults learning online: digital choice and/or digital exclusion?*. In: *New media & society*, 1461444810374789.

Feenberg, A. (2010) *Between reason and experience: Essays in technology and modernity*. MIT Press.

Governo de Portugal (2012) *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações*. Programa de Ação, 2012.

Hagberg, J.E. (2012) *Being the Oldest Old in a Shifting Technology Landscape*. In E. Loos, L. Haddon & E. Mante-Meijer (Eds.), *Generational use of new media* (pp.89-106). Farnham: Ashgate Publishing, Ltd..

Helsper, E. J. & Eynon, R. (2013). *Distinct skill pathways to digital engagement*. In: *European Journal of Communication*, 0267323113499113.

INE (2012) *Sociedade da Informação e do Conhecimento. Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias*. Lisboa: INE.

Ito, M.; O'Day, V. L.; Adler, A., Linde, C. & Mynatt, E. D. (2001) *Making a place for seniors on the net: SeniorNet, senior identity, and the digital divide*. In: *ACM SIGCAS Computer and Society*, 21 (3), 15-21.

Kortti, J. (2011) *The problem of generations and media history*. In F. Colombo & L. Fortunati (Eds.), *Broadband Society and Generational Change* (pp. 69-93). Frankfurt M.: Lang.

Leikas, J.; Saariluoma, P.; Rousi, R. A.; Kuisma, E. & Hannu Vilpponen, H. (2012) *Life-based design to combat loneliness among older people*. In: *The Journal of Community Informatics*, 8(1).

Lima, M. (2010) *Envelhecimento – Estado da Arte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Lindley, S. E.; Harper, R. & Sellen, A. (2008) *Designing for elders: exploring the complexity of relationships in later life*. In *Proceedings of the 22nd British HCI Group Annual Conference on People and Computers: Culture, Creativity, Interaction-Volume 1* (pp. 77-86). British Computer Society.

Livingstone, S. (2003) *The changing nature and uses of media literacy*. In: *Media@LSE*.

Livingstone, S. (2004) *What is media literacy?*. In: *Intermedia* 32(3), 18-20.

Loos, E. (2012) Senior citizens: Digital immigrants in their own country?. In: Observatorio Journal, vol.6 – nº1, pp: 001-023.

Lüders, M. & Brandtzæg, P. B. (2014) 'My children tell me it's so simple': A mixed-methods approach to understand older non-users' perceptions of Social Networking Sites. In: *New Media & Society*, 1461444814554064.

Lugano, G. & Peltonen, P. (2012) Building Intergerational Bridges Between Digital Natives and Digital Immigrants: Attitudes, Motivations and Appreciation for Old and New Media. In E. Loos, L. Haddon & E. Mante-Meijer (Eds.), *Generational use of new media* (pp.151-170). Farnham: Ashgate Publishing, Ltd.

Mannheim, K. (1982) O problema sociológico das gerações. Mannheim. São Paulo: Ática, 67-95.

Mauritti, R. (2004) Padrões de vida na velhice. In: *Análise Social*, vol.XXXIX (171), pp. 339-363.

Min, S. J. (2010) From the digital divide to the democratic divide: Internet skills, political interest, and the second-level digital divide in political internet use. In: *Journal of Information Technology & Politics*, 7(1), 22-35.

Morris, A.; Goodman, J. & Branding, H. (2007) Internet use and non-use: views of older users. In: *Univ Access Inf Soc*, 6:43-57, pp-43-56

Neves, B. B.; Amaro, F. & Fonseca, J. R. S. (2013) Coming of (Old) Age in Digital Age: ICT Usage and Non-Usage Among Older Adults. In: *Sociological Research Online*, 18 (2) 6, 1-14.

Norris, P. (2001) *Digital divide: Civic engagement, information poverty, and the Internet worldwide*. New York: Cambridge University Press.

OBERCOM (2014) *A Internet em Portugal. Sociedade em Rede 2014*. Obercom.

Poirier, J.; Clapier-Valladon, S.; Raybaut, P.; Quintela, J. & Monteiro, A. (1995) *Histórias de vida: teoria e prática*. Oeiras: Celta.

Prensky, M. (2001) Digital natives, digital immigrants part 1. In: *On the horizon*,9(5), 1-6.

Roberto, M. S.; Fidalgo, A. & Buckingham, D. (2015) De que falamos quando falamos de infoexclusão e literacia digital? Perspetivas dos nativos digitais. In: *Observatorio (OBS*)*, 9(1).

Roberts, B. (2002) *Biographical Research*. Buckingham: Open University.

Rossi, L. (2009) Media & Generations: how user generated content reshape generational identity in the Mass Media System. In: *Sociologia della comunicazione*. 40, 109-118. doi: 10.3280/SC2009-040009.

Selwyn, N. (2012). Making sense of young people, education and digital technology: The role of sociological theory. In: *Oxford Review of Education*, 38(1), 81-96.

Selwyn, N.; Gorard, S. & Furlong, J. (2003) The information aged: Older adult' use of information and communications technology in everyday life. In: School of Social Sciences, Cardiff University, Wales, Working paper series, paper 36.

Shelley, M.; Thrane, L.; Shulman, S., Lang, L.; Beisser, S.; Larson, T. & Mutiti, J. (2004) Digital Citizenship Parameters of the Digital Divide. In: Social Science Computer Review, 22, no. 2, pp. 256-269.

Silva, S. M. (2009) Envelhecimento activo: trajetórias de vida e ocupações na reforma. Coimbra Tese (Mestrado). Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

Van Deursen, A. (2010) Internet skills: vital assets in an information society. Twente. Thesis (PhD) University of Twente.

Van Deursen, A. (2012) Age and Internet Skills: Rethinking the Obvious. In E. Loos, L. Haddon & E.Mante-Meijer (Eds.), Generational use of new media (pp.171-184) Farnham: Ashgate Publishing, Ltd.

Van Dijk, J. (1999) The Network Society, London: Sage.

Van Dijk, J. & Hacker, K. (2003) The digital divide as a complex and dynamic phenomenon. In: The information society, 19(4), 315-326.

Vincent, J. A. (2005) Understanding generations: political economy and culture in an ageing society. In: The British journal of sociology, 56(4), 579-599.

Warschauer, M. (2004) Technology and Social Inclusion. Rethinking the Digital Divide. Massachusetts: The MIT Press.

Witte, J. C. & Mannon, S. E. (2010) The Internet and Social Inequalities. New York: Routledge.

Data de Receção: 07/04/2016

Data de Aprovação: 21/04/2016